

# OS 10 ANOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA UFF CAMPOS: ANÁLISES E NARRATIVAS<sup>1</sup>

## 10 YEARS OF SOCIAL SCIENCES AT UFF CAMPOS: ANALYSIS AND NARRATIVES

## LOS 10 AÑOS DE CIENCIAS SOCIALES EN UFF CAMPOS: ANÁLISIS Y NARRATIVAS

Cláudio Araújo de Souza e Silva<sup>2</sup>

*“Que o futuro nos traga dias melhores e a capacidade de construir a Universidade que está nos nossos corações, nas nossas mentes e nas nossas necessidades”.*  
(Florestan Fernandes)

O título da semana de atividades que celebram os 10 anos do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes/RJ - “História de uma década” - é autoexplicativo. Nossa ideia foi realizar um evento que contemplasse, da melhor forma possível, os caminhos até aqui percorridos, os processos, os desafios, os dilemas e as relações políticas que preenchem essa história. Tivemos a intenção de expressar ao longo das atividades os três segmentos que construíram essa trajetória: discentes, docentes e técnicos administrativos.

Como todos sabemos, os primeiros anos dessa década foram marcados pela política de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. O curso de Ciências Sociais da UFF Campos nasceu nesse novo contexto das políticas educacionais. Nasceu junto com diversos outros cursos, novos campi, novas IFES, novas Universidades, mais vagas, mais matrículas,

---

<sup>1</sup> Este texto é uma síntese da conferência de abertura da X Semana de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes, com acréscimo de nossa leitura das demais mesas temáticas que compuseram o evento. O mesmo foi realizado entre 30 de setembro e 03 de outubro de 2019, marcando os 10 anos do curso, que foi instalado por ocasião da implementação do REUNI. A coordenação do curso de Ciências Sociais disponibilizou a documentação audiovisual da X Semana em seu canal de Youtube - Ciências Sociais UFF Campos, disponível no link [https://www.youtube.com/channel/UCKsJd9Uq\\_XoT382-yiA2mjw](https://www.youtube.com/channel/UCKsJd9Uq_XoT382-yiA2mjw), assim como a documentação fotográfica em sua página no Instagram, @cs\_uffcampos

<sup>2</sup> Professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes (COC/ESR/UFF). Coordenador do curso de bacharelado em Ciências Sociais.

mais alunos no ensino superior espalhados pelo Brasil. Em que pesem as divergências entre grupos e órgãos de classe - protagonistas no debate sobre as políticas educacionais - a inclusão não era ponto de desacordo; a forma como seria feita a inclusão, sim. Houve aqueles que criticaram a expansão sem qualidade e os riscos da precarização do ensino e da pesquisa sem infraestrutura adequada, como lembrou um dos nossos convidados para a mesa de abertura do evento, o Prof. Dr. José Luis Vianna<sup>3</sup>, em sua fala intitulada “Uma trajetória de luta pelo projeto de expansão da UFF Campos”, em que recordou o longo período de negociações que resultaram nos cursos, no número de vagas e no projeto da sede do polo da UFF em Campos:

Apesar de sermos uma Unidade que tinha apenas uma Faculdade de Serviço Social, 457 alunos e 26 professores, éramos bravos, resistentes e protagonistas das lutas, campistas e regionais. A Faculdade de Serviço Social da UFF Campos tem uma história brilhante de protagonismo nas lutas sindicais, nos movimentos sociais, nas lutas no campo e na cidade e na construção dos Conselhos.

[...] Então, já tínhamos uma tradição de luta, não foi o Reuni que nos fez crescer, isso que eu queria colocar. Nós tínhamos sonhos e construímos um projeto. Em 2004 não se falava em REUNI. Nós elaboramos um projeto em 2005 e não se falava em REUNI. Qual era o espírito desse projeto? Primeiro que nós tínhamos a consciência de que éramos uma universidade pública, no interior, regionalizada - no sentido de que isso aqui era um polo regional. Segundo, tínhamos um compromisso imenso com a expansão do ensino público, gratuito e universal para todos e tínhamos uma história na área social. Começamos a pensar que aqui poderíamos construir um projeto de expansão na área de humanidades, na área das ciências sociais aplicadas e até mesmo na área das artes.

[...] Portanto, nós tínhamos essa consciência de ser uma escola pública, tínhamos a consciência de que o país necessitava e merecia a expansão do ensino público superior e tínhamos a consciência de estarmos no interior e de que era fundamental a interiorização da Universidade.

[...] pra mim, que vivi essa fase em que não havia nada - e essa luta começou inclusive debaixo da ditadura - eu fico pensando que é inimaginável, pra mim inimaginável. Então, aquilo que para vocês hoje está ameaçado e que pode pintar de tintas escuras e sombrias o futuro, eu digo para vocês que quando

<sup>3</sup> José Luis Vianna é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre e doutor em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR da UFRJ e pós-doutor em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Já foi membro da Comissão de Avaliação Trienal da Capes. Foi Professor Associado da Universidade Federal Fluminense (UFF) (aposentado em maio de 2014) e trabalhou nos Departamentos de Ciências e Sociais Serviço Social da UFF Campos, tendo sido subchefe e coordenador de extensão neste último Departamento. Foi coordenador do curso de pós-graduação *latu sensu* em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da UFF Campos entre 2005 e 2009. Foi diretor desta unidade - o Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional - entre 2003 e 2008. Em 2008 foi assessor do reitor da UFF na implantação do polo universitário de Campos. Foi membro da Comissão Mista do Conselho Universitário – CUV – de 2008 a 2012, quando exerceu a função gerencial/fiscalizadora e de coordenação da implantação do Projeto de Expansão/REUNI da UFF Campos, com os cinco novos cursos de graduação. Atualmente, é professor permanente e coordenador de pesquisa do Mestrado e Doutorado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades da Universidade Candido Mendes, em Campos dos Goytacazes, e também professor colaborador do Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas da UFF Campos.

não tínhamos nada a gente conseguiu isso, então é muito possível que a gente consiga resistir na Universidade Federal, que a gente consiga manter o que tivemos até agora e que continuemos construindo no campo acadêmico, no campo do conhecimento, continuemos sendo essa estrutura que o país precisa tanto e na qual somos tão atrasados.

O contexto desafiador que envolveu a implementação do REUNI em Campos e a criação do curso de Ciências Sociais, em específico, principalmente no que tange à questão da interiorização do ensino, também foi lembrado pelo Prof. Dr. Hernan Mamani<sup>4</sup> (UFF/COC), em sua fala intitulada “Dez anos do curso de Ciências Sociais da UFF Campos: memórias e desafios”:

Assim foram os dois primeiros anos, de intenso trabalho antes de que esse curso começasse. O trabalho de preparar os projetos, preparar os concursos, de fazer propaganda de escola em escola para o primeiro vestibular, de buscar desesperado aonde esse curso aconteceria, porque nós não tínhamos lugar, não tínhamos lugar para a biblioteca, não tínhamos nem contêineres. Os contêineres foram uma conquista e esse segundo andar [do bloco C, de alvenaria] também foi. Iniciamos, assim, o curso de Ciências Sociais em setembro de 2009, na Faculdade de Direito de Campos, em duas ou três salas alugadas, junto com o curso de História e de Geografia, que funcionavam no mesmo local. Um pouco antes tivemos os primeiros concursos. Em meados de 2008, fizemos um concurso e pouco a pouco as pessoas foram sendo chamadas.

[...] Mas isso foi o início, a construção, em si, foi cheia de desafios. Desafios e experimentações dos quais não há registros - aliás, quero lembrar, eu fui o primeiro coordenador. Não há registros, mas vale a pena retomar. Disputamos e experimentamos sobre coisas como: qual é o tempo ideal de aula? Dois tempos diretos ou dois tempos separados? Como articular o bacharelado e a licenciatura com projetos muito amplos e exigências enormes que cada vez mais nos obrigavam a nos separar? Que concursos priorizar? Como fazer com a produção? Quem fica em Campos e quem vai? Tantas coisas ditas assim são simples, mas muitas delas foram motivos de tensão, mas tensões boas, porque de construção.

De qualquer maneira, pouco a pouco, o curso tomou forma, a forma dos seus alunos e dos seus professores, obviamente com dificuldades. Dificuldades de ter professores... inicialmente havia muita circulação, em grande medida também pelas limitações, não do REUNI, mas da estrutura universitária. A nossa estrutura universitária não premia o esforço de construção, nem incorpora com facilidade as propostas de uma nova agenda, nem administrativa e nem científica. As nossas próprias redes de pesquisa têm dificuldade em aceitar que a gente permaneça no interior e essas coisas de fato pesam para se dedicar e tentar construir uma instituição, não somente a carreira, e isso envolve também a pós-graduação. Com certeza o nosso maior entrave é a falta de infraestrutura e recursos, é isso que tem freado de alguma maneira as possibilidades, que estão presentes, mas poderiam ser muito maiores e melhores.

<sup>4</sup> O professor Hernan Mamani é graduado em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ, Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, também do IFCS da UFRJ, doutor em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR da UFRJ. Foi diretor do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da UFF, e atualmente, é professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais.

Poderíamos ser muito melhores se tivéssemos infraestrutura, mas isso não vem tanto ao caso, o que vem ao caso nesse momento é que além da falta de infraestrutura, nós vivemos o oposto do REUNI, nós vivemos o anti-REUNI, e se no início do REUNI nós falávamos em precarização, a precarização genuína está sendo vivenciada agora. E essa precarização genuína toma, como certamente deve ser, as Ciências Sociais como ponto de ataque. E não faz por burrice, faz porque as Ciências Sociais de fato são, dentro das áreas científicas, aquelas que podem nos mostrar quais são as relações, o que está em jogo. Mas, justamente por isso, e porque nós temos uma trajetória que não começou ontem e nem anteontem, é que temos que ter calma e continuar fazendo o que nós sabemos fazer melhor, vendo quais as relações, o que está em jogo, e explicando. É isso que fazemos de melhor [...].

O compromisso com a realidade regional e qualidade do curso de Ciências Sociais, inclusive, foi um dos pontos ressaltados pelo Prof. Dr. Carlos Eugênio Soares de Lemos<sup>5</sup>, um dos primeiros professores do departamento:

A UFF é um espaço onde a gente aprende a fazer uma reflexão de qualidade, a gente aprende pensar não só o mundo, mas pensar a gente nesse mundo, pensar o outro no mundo. E evidentemente que pensar se tornou uma atividade muito perigosa nos últimos anos e nós vamos lutar por essa atividade até o fim, até o nosso último soldado cair e não vai cair porque nós viemos de uma longa batalha. Essa batalha não é de hoje, quem trabalha com história da região sabe que é uma batalha que está estabelecida desde o início do império para construção das primeiras Letras aqui. A gente tem pesquisado cada vez mais sobre o século XIX e sobre século XX para entender como se pensou a expansão desse espaço, desse território, a gestão, principalmente a partir da lógica e da interpretação de uma elite que talhou o que seria a identidade local, só que ela esqueceu de perguntar se os outros se viam assim também no espelho que ela construiu. E creio que um curso, como esse de Ciências Sociais, ajuda a gente de algum modo a quebrar, a mostrar pelo menos a rachadura nesse espelho e ir em busca de um espelho mais inclusivo, coletivo, que saiba comportar todos esses grupos que nós temos aqui, esses coletivos hoje que gritam por liberdade, que gritam de certa forma pelo reconhecimento de sua cidadania. Eu acho que é parabéns para nós todos e nós temos uma longa batalha pela frente. O curso nunca vai estar pronto, ele é um curso em movimento, existem muitas coisas para fazer, nós temos que fazer reflexões internas. Todo mundo sabe que eu sou super crítico da questão do currículo; a gente pode modernizar o currículo da universidade. O Hernan e o Zé Luis apontavam para a questão de estarmos dentro de um espaço periférico. Estando na periferia, eu acredito que é de onde podem vir as soluções, só que nós temos que abandonar algumas tradições que são perversas em relação a gente e, assim, repensar o currículo, trazer um currículo mais interdisciplinar, um currículo que esteja mais atento para o que está acontecendo lá fora, até para a gente não ser engolido por essas transformações que acontecem, como se a universidade fosse um mundo paralelo.

<sup>5</sup> O professor Carlos Eugênio Soares de Lemos é graduado em História pelo Centro Universitário Fluminense (UNIFLU/FAFIC), mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação da UFRJ, doutor em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS da UFRJ. Atualmente, além de professor associado do Departamento de Ciências Sociais da UFF Campos, coordena o grupo de pesquisa de estudos do Discurso e do Texto Histórico (GEDITEH) e o subprojeto Leitura e Interdisciplinaridade, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

De fato, sabemos que a defesa, tanto velada quanto explícita, dos privilégios e da exclusão faz parte da cultura das elites brasileiras, mas seria difícil imaginar que dez anos depois do fortalecimento das políticas de inclusão social, ouviríamos um Ministro de Estado defender publicamente que a Universidade não é para todos.

Acho importante lembrar que além da expansão do ensino superior público, os recursos financeiros provenientes das políticas públicas de inclusão na educação (que idealizavam a Universidade para todos) favoreceram enormemente a expansão do ensino superior privado no Brasil. Através de subsídios e isenções fiscais, as instituições privadas do setor educacional puderam vender a mercadoria educação para um mercado consumidor em plena expansão. Essa expansão do setor privado na educação, com financiamento público, veio acompanhada do crescimento da atuação dos fundos de investimento internacionais, que a partir de diversas fusões entre empresas passaram a negociar essa valiosa mercadoria - chamada educação - na bolsa de valores. Esses fundos negociam na bolsa de valores tanto minérios, quanto computadores e também educação: tudo é mercadoria. É assim que enriquecem e concentram cada vez mais renda. Sem esses recursos públicos, os fundos de investimento internacional não teriam tido o acesso ao mercado. Tragicamente, uma história que se repete há várias décadas: o capital internacional enriquecendo com dinheiro público e depois reivindicando para si o *status* da autonomia e da eficiência, como se os mecanismos distributivos também não lhes favorecessem.

Mas parece que hoje vivemos um tempo de inversão de conceitos e significados, em que coisas óbvias deixam de ser tão óbvias, em que tudo parece estar de cabeça para baixo, como a cadeira do nosso *folder* da programação deste evento. Nesse contexto, os fatos demonstrados pelas instituições que produzem ciência perdem valor. Temos que retomar esse protagonismo, esse é o espírito dessa Semana de Ciências Sociais.

Já ouvimos dizer que a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber”, princípios garantidos pela Constituição de 1988 após um período de lutas e resistências contra um regime ditatorial, são princípios que favorecem doutrinadores no campo da educação - quando a doutrinação, de fato, escancarada diante de nossos olhos, é exercida pelas elites que ocupam as altas posições institucionais na estrutura do poder econômico mundial. Os grandes acionistas de fundos de investimento, estes sim, são capazes de criar uma hegemonia de poder, e não um professor, um servidor público, que normalmente trabalha mais que 40 horas semanais pra dar o melhor de si. Doutrinadores são aqueles que querem padronizar as formas de educar, os métodos, os livros didáticos, que

querem impor a oferta de cursos sazonais sem qualidade, mas que dão mais retorno para o mercado, são os que querem vender pacotes tecnológicos para educar com custo menor de produção e, assim, concentrar mais lucro e mais renda. Essa é a visão de Futuro que querem impor.

Nesse mundo invertido, já ouvimos dizer que as universidades públicas quase não produzem, são parasitárias, como também seria todo o Estado brasileiro. Ouvimos isso quando quase a totalidade da produção científica do país provém das universidades públicas e, como sabemos, o conhecimento científico é a base do desenvolvimento, da diminuição das desigualdades sociais, da inserção social e do aumento do emprego em qualquer país do mundo.

Nossa Semana de Ciências Sociais também quis contribuir para mostrar esse fato, reforçando atitudes que já vêm sendo tomadas ao longo desse ano, como o Ciência na Rua. Foi uma Semana que se fez mais do que especial por coincidir justamente com as mobilizações nacionais pela educação. Afinal, que história teremos pra contar se continuar a política de cortes de subsídios para educação e pesquisar? Que futuro teremos pela frente? E de que passado iremos nos orgulhar? Provavelmente, as capitânicas hereditárias serão o nosso maior orgulho empreendedor.

Portanto, nos reunidos também para mostrar um pouco a nossa cara e, assim, reforçar o papel da ciência e da educação na construção do país. Somos uma instituição formada por profissionais comprometidos com a produção científica. É hora de valorizar essa questão, porque, sem isso, voltaremos a ser colônia, não de Portugal, obviamente, mas dos países desenvolvidos e dos grandes conglomerados financeiros.

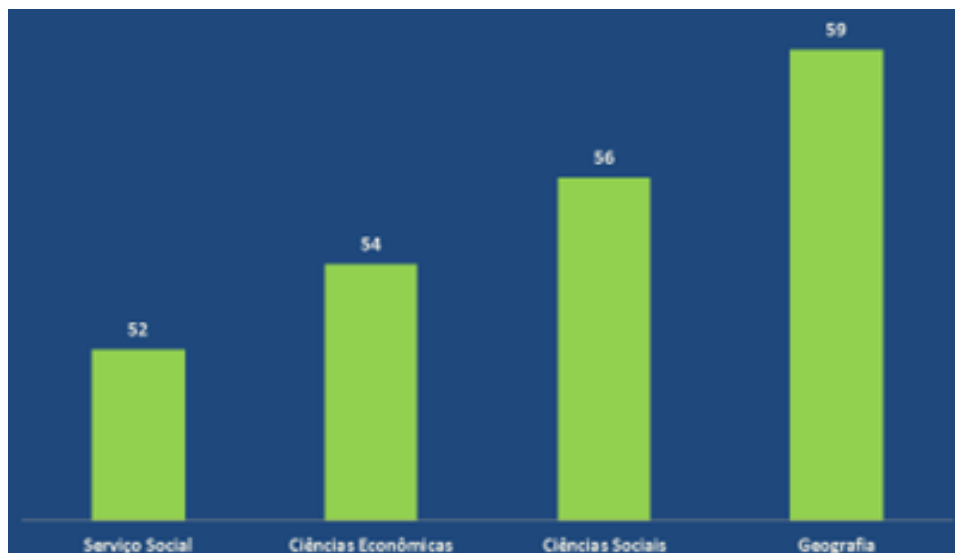
Precisamos de Ciências Sociais para pensar e melhorar, dentre outras coisas, as instituições, o estado de direito e a representação das minorias. Desde 2009 - quando esse curso foi criado - até 2018, formamos 168 profissionais das Ciências Sociais. Foram formados 66 cientistas sociais na modalidade Bacharelado e 102 na modalidade Licenciatura, 104 do sexo feminino e 64 do sexo masculino.

As informações sobre os discentes ingressantes e formados ao longo da nossa primeira década foram apresentadas pela servidora técnica Katia Cristiane Vomero Pereira<sup>6</sup>, do Núcleo Pedagógico da UFF Campos. Destacando que não foi seu objetivo expor uma crítica ao REUNI, mas apresentar dados levantados junto ao sistema de tecnologia da informação da

<sup>6</sup> A servidora técnica Kátia Pereira é graduada em Pedagogia pela UFF, pós-graduada em psicanálise e mestre em Psicologia Clínica pela PUC. Trabalhou durante nove anos como pedagoga da Força Aérea brasileira e atualmente é servidora técnica da UFF Campos no Núcleo Pedagógico.

UFF, o IDUFF, a servidora remontou ao ano de 2007, quando o ex-presidente Lula e o então ministro da Educação, Fernando Haddad, lançaram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), um conjunto de programas que se distribuiu em cinco eixos: Educação Básica, Educação Superior, Educação Profissional, Alfabetização e Diversidade<sup>7</sup>. Ela explicou que, como a proposta para Educação Superior consistiu em um conjunto de programas: o PNAS (Plano Nacional de Assistência Estudantil), o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil) e o Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais). O REUNI teria como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência dos estudantes no nível superior, com foco nas universidades federais. Kátia lembrou que a UFF aderiu ao programa em 2008, sendo que, em Campos, o movimento de expansão de cursos teve início no segundo semestre de 2009 - para mostrar como se deu a evolução de ingressantes e diplomados na UFF Campos, a palestrante apresentou gráficos com números a partir de 2009.2, quando além do Serviço Social, se contabilizada também dados relativos a alunos de Ciências Econômicas, Ciências Sociais e Geografia. Naquele semestre, a UFF Campos recebeu 221 ingressantes.

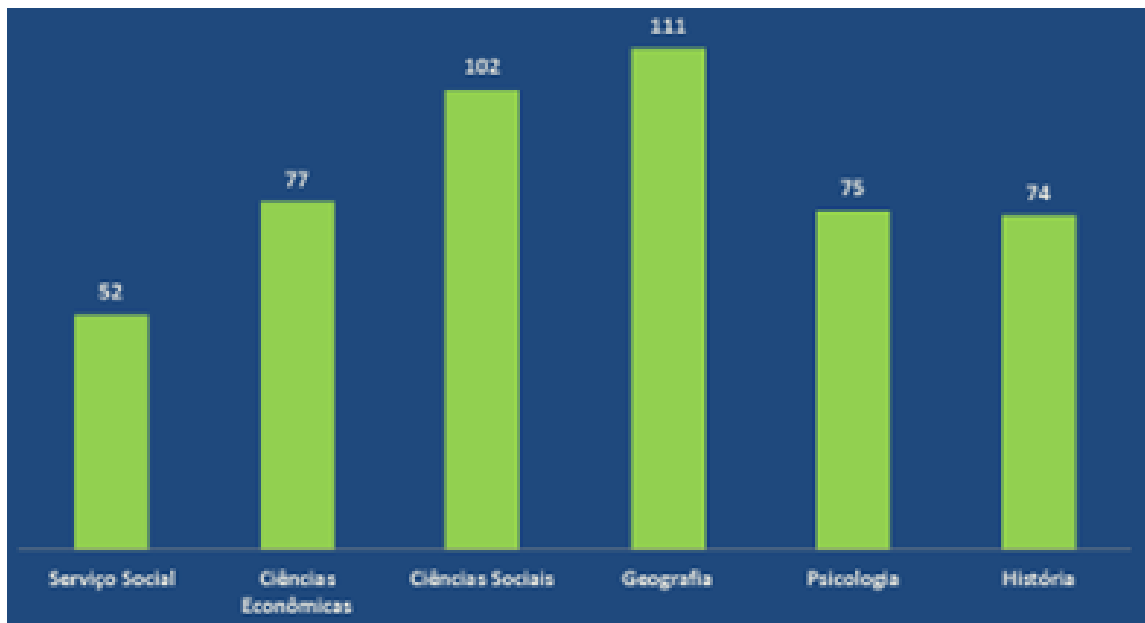
**Gráfico 1** – Ingressantes UFF Campos em 2009.2 (REUNI)



**Fonte:** Elaborado a partir de dados do IDUFF, 2019.

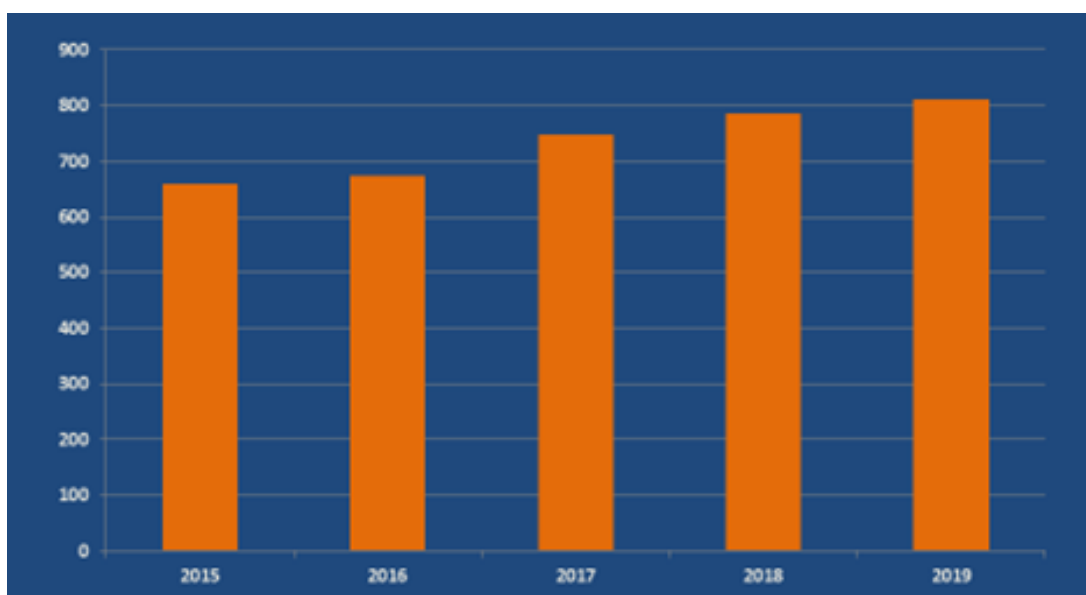
Kátia explicou que, em 2011.1, quando o REUNI já havia se concretizado, houve a implementação dos cursos de Psicologia e História. Foi quando houve o ingresso de aproximadamente de 491 alunos, conforme o gráfico 2, apresentado pela servidora:

<sup>7</sup> O PDE foi lançado juntamente com o decreto 6094/2007 que é o plano de metas e compromissos “Todos Pela Educação”, que é um decreto mais para educação básica, e decreto 6096/2007 que estabeleceu o programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais.

**Gráfico 2** – Ingressantes UFF Campos em 2011.2 (REUNI)

Fonte: Elaborado a partir de dados do IDUFF, 2019.

Conforme mostrou a servidora, a UFF Campos passou de 221 alunos no primeiro momento, para 491 alunos, portanto, um aumento de mais de 100% no ingresso. O curso de Ciências Sociais foi um dos que mais teve ingressantes em 2011.1, pois, enquanto em 2009.2 o curso recebeu 56 ingressantes, em 2011.1 foram 102. Já o gráfico 3 mostra a evolução do número de ingressantes em todos os seis cursos entre os anos de 2015 e 2019.

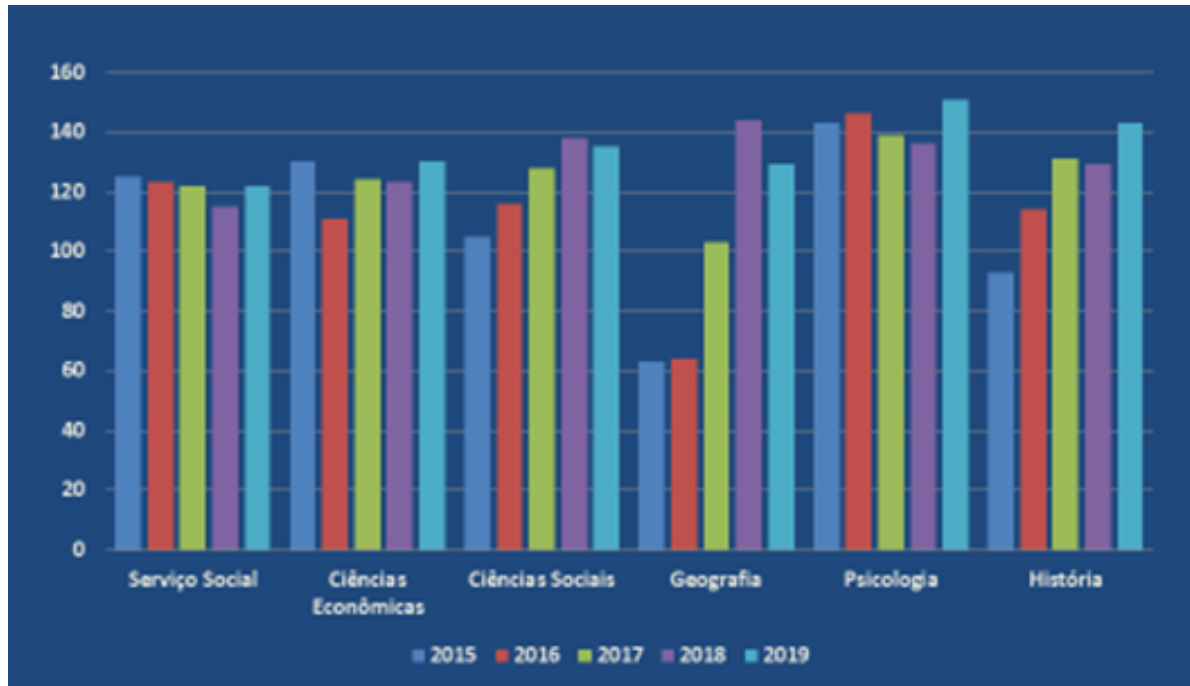
**Gráfico 3** – Total anual de ingressantes dos cursos de graduação da UFF Campos

Fonte: Elaborado a partir de dados do IDUFF, 2019.



Já com relação ao passado e ao presente do REUNI, Kátia destacou que, em 2019, a UFF Campos recebeu 800 alunos ingressantes, sendo que, em 2009, quando começou concretamente a expansão dos cursos no polo, foram 221 e, em 2011.1, 491, o que significa, para ela, que houve realmente uma demanda cada vez maior por acesso ao ensino público de nível superior. No gráfico 4, temos o número de ingressantes por curso.

**Gráfico 4** – Total anual de ingressantes por curso na UFF Campos (2015-2019)

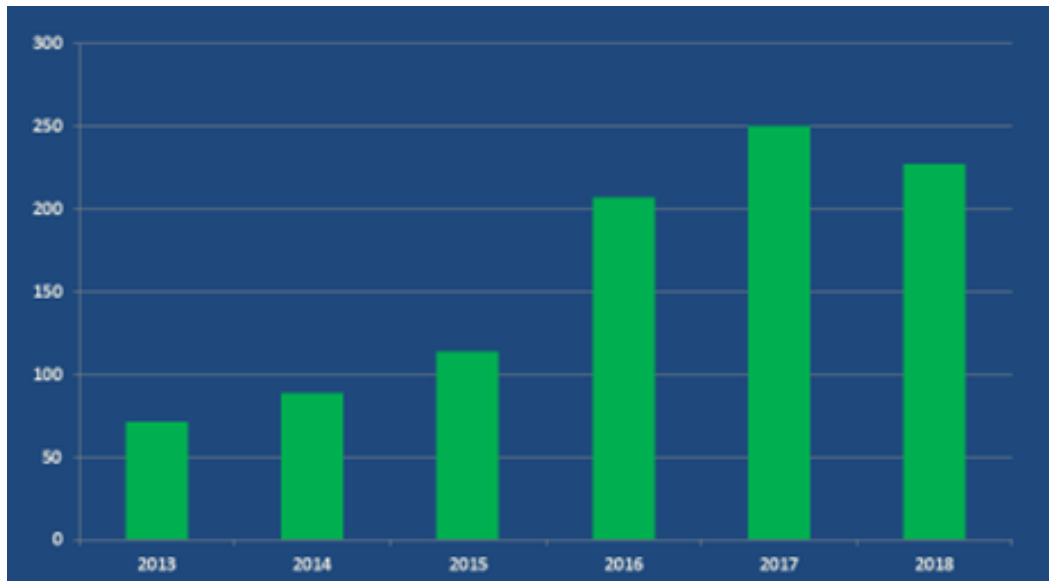


**Fonte:** Elaborado a partir do IDUFF, 2019.

Como a servidora explicou, podemos observar que o curso de Ciências Sociais, por exemplo, apresenta um crescente no número de ingressantes. Em 2009.2, na primeira turma de Ciências Sociais, houve 56 ingressantes, em 2011.1 teve 102 ingressantes e já em 2019 a teve aproximadamente 140 ingressantes.

Analisando o período de 2013 a 2018, que é quando se formaram os primeiros alunos dos cursos de Ciências Econômicas, Ciências Sociais e Geografia, temos o gráfico 5.<sup>8</sup>

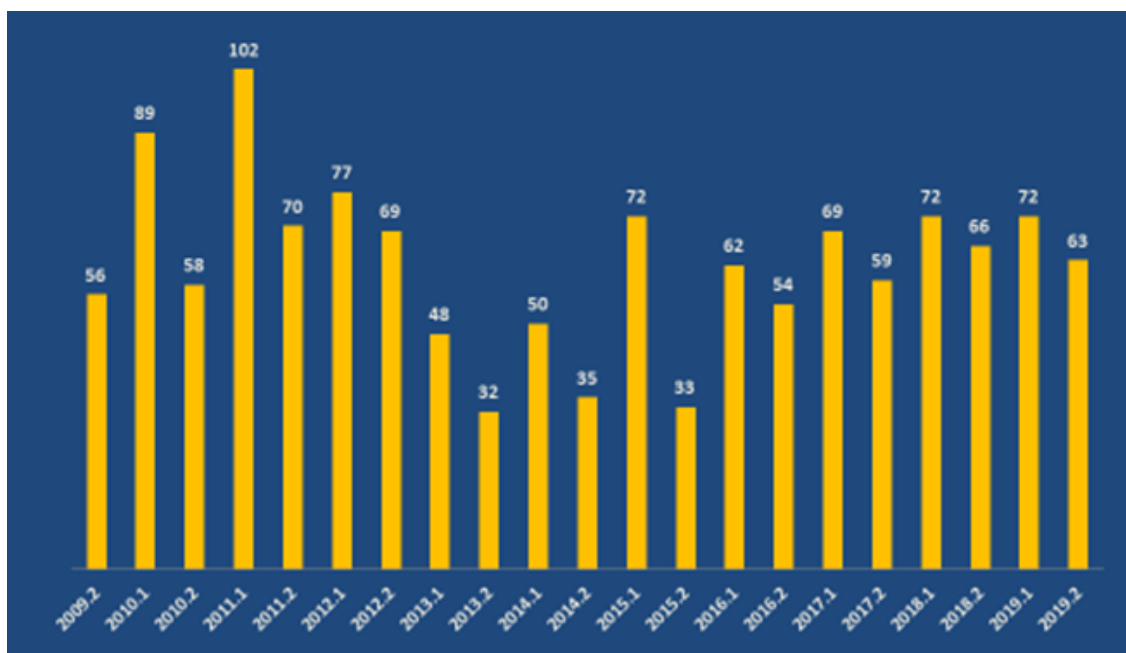
<sup>8</sup> O ano de 2019 não foi incluído porque até a data do evento ainda não haviam sido computados os alunos concluintes.

**Gráfico 5** – Diplomação anual na UFF Campos (2013-2018)

**Fonte:** Elaborado a partir do IDUFF, 2019.

Conseguimos perceber, como explicou a palestrante, que de 2013, que é quando as turmas implementadas em 2009 começaram a se formar, até 2018, também há esse movimento crescente no número de diplomados, com exceção do período 2017-2018, quando houve um pequeno decréscimo.

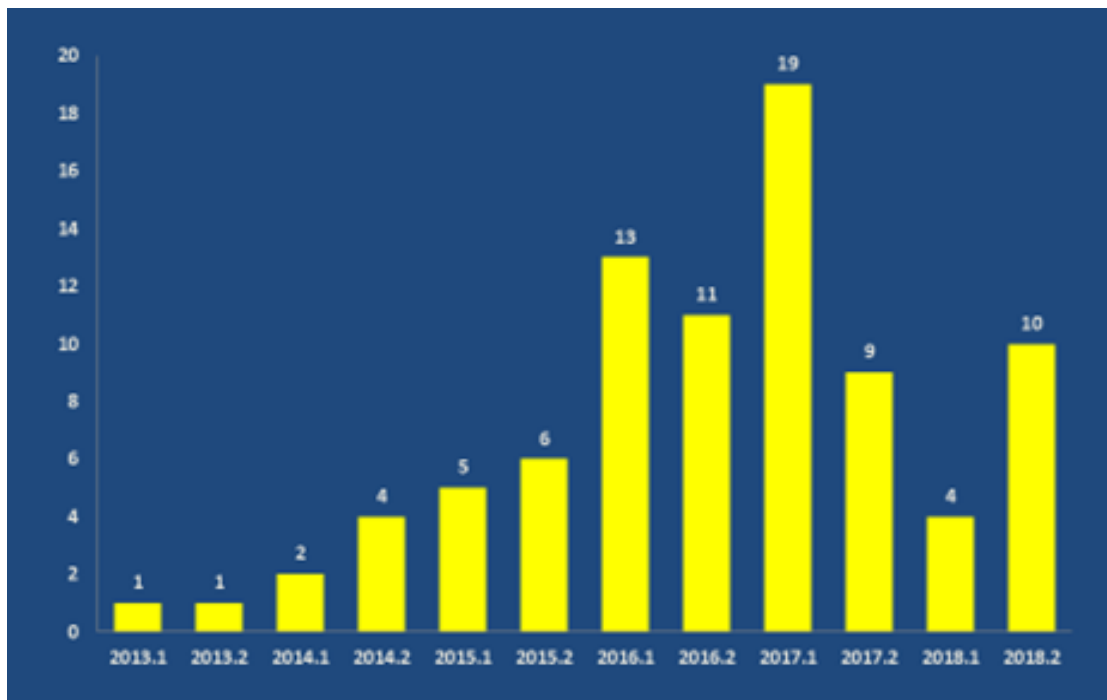
Sobre os ingressantes por semestre especificamente no curso de Ciências Sociais, temos o gráfico 6.

**Gráfico 6** – Ingressantes de Ciências Sociais por semestre (2009-2019)

**Fonte:** Elaborado a partir do IDUFF, 2019.

O gráfico mostra que, apesar de o número de ingressantes no curso de Ciências Sociais cair drasticamente em 2013.2, 2014.2 e 2015.2, ao longo dos dez anos do curso o número de matrículas sempre manteve a tendência de aumento. Como a palestrante enfatizou, já passaram pelo curso aproximadamente 1.300 alunos, embora esse número não se reflita no número de formados (gráfico 7).

**Gráfico 7** – Diplomados no curso de Ciências Sociais (2013-2019)



**Fonte:** Elaborado a partir do IDUFF, 2019.

O gráfico acima, tendo o IDUFF como fonte de dados, mostra que tivemos de 2013.1, que é quando realmente começaram a serem formadas as primeiras turmas de Ciências Sociais, até 2018.2, visto que os dados de 2019 ainda não foram todos computados, um total de 85 diplomados, embora o levantamento feito pela coordenação do curso acuse um número bem maior, 168. Seja como for, a evasão, segundo a servidora, pode estar relacionada a reprovação, retenção, desistência, trancamento, pendência, e é objeto de pesquisa atualmente no Núcleo Pedagógico. Isso pode colaborar ainda mais com o avanço do curso, como disse Kátia:

Hoje, foi falado aqui [na mesa de abertura da X Semana de Ciências Sociais] a palavra resistência, e eu acho que tem muito a ver com esses dados que a gente está mostrando. Como eu falei no início, a nossa proposta não foi trazer um conteúdo crítico em relação ao Reuni, em que pese sabermos que muitas coisas realmente não funcionam na prática, apenas na teoria. Mas eu acredito

que esses números [...] representam mais do que nunca a resistência de vocês, não só do curso de Ciências Sociais, mas de todos os cursos da UFF Campos. [...] o curso está avançando, está caminhando, está evoluindo, está progredindo no número de estudantes, de ingressantes, mesmo com todas as questões que a gente sabe que existem.

Eu acho que é um pouco o propósito aqui hoje mostrar esse espírito de não desistir, de não desanimar, de não perder a esperança, não perder a fé, para além das críticas, do movimento histórico que foi trazido para vocês com os mestres que falaram aqui antes.

Mas quem são os alunos que procuram os cursos do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, entre eles o de Ciências Sociais? Em sua palestra, a servidora técnica Cassiana Ferreira Simões<sup>9</sup> apresentou o trabalho de pesquisa realizado por seu setor, a coordenação de Assistência Estudantil, visando compreender o perfil dos ingressantes na UFF Campos. O trabalho de pesquisa teve início em 2012, após o setor perceber uma grande mudança no número e no perfil dos ingressantes graças ao SiSu, ao Enem e às políticas de ação afirmativa, que democratizaram o acesso das pessoas em geral aos cursos de nível superior. A equipe partiu das seguintes questões: como conhecer esse aluno? Como propor políticas de assistência estudantil voltadas para atendê-lo? Para levantar esses dados, no dia em que fazem a matrícula presencialmente, todos os alunos passam por um acolhimento da assistência estudantil, com todos os profissionais do setor, que lhes fornecem informações sobre moradia, bolsas estudantis, funcionamento da universidade, ao mesmo tempo que os convidam a ir ao laboratório de informática preencher um questionário com 35 perguntas, que vão desde questões socioeconômicas até sobre raça e etnia, passando por saúde mental. A adesão dos alunos, segundo a servidora, é de 98% a 100%.

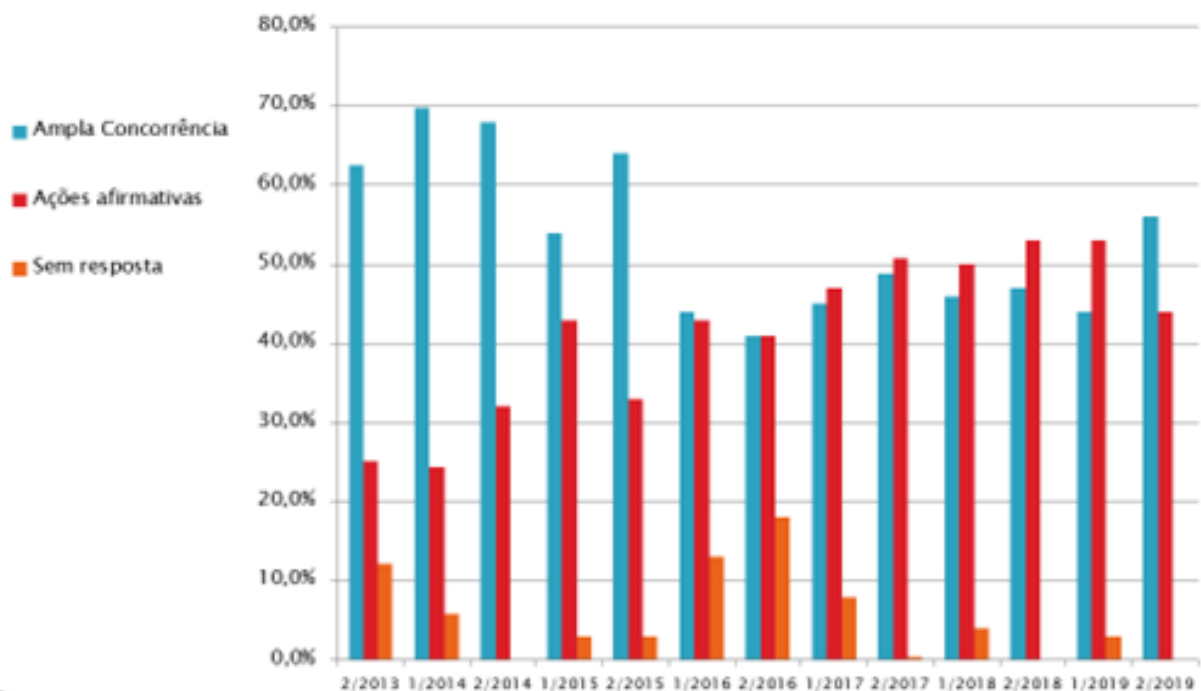
O gráfico 7, por exemplo, mostra o resultado das respostas para as questões sobre raça e etnia e corresponde ao período 2013-2018.

<sup>9</sup> A servidora Cassiana Ferreira Simões é graduada em Serviço Social pela UFF, mestre em Políticas Sociais pela UENF e possui pós-graduação em Serviço Social Contemporâneo: planejamento e gestão de políticas sociais. Atuou como Assistente Social nas áreas da Saúde e na Educação, é servidora vinculada à coordenação da Assistência Estudantil e pesquisa sobre Políticas Públicas de Educação com enfoque nas políticas de cotas no âmbito no Ensino Superior.

**Gráfico 7** – Raça e etnia dos ingressantes em todos os cursos da UFF Campos (2013-2018)

Fonte: Pesquisa Perfil do Ingressante UFF Campos, CAES/ESR/UFF, 2019.

O gráfico mostra um crescimento exponencial do ingresso de pretos e pardos, uma consequência da política de cotas iniciada em 2012. Em relação à modalidade de ingresso na UFF, temos o gráfico 8.

**Gráfico 8** – Modalidade de ingresso na UFF Campos 2013-2019

Fonte: Pesquisa Perfil do Ingressante UFF Campos, CAES/ESR/UFF, 2019.

Como a palestrante explicou, em azul e vermelho é possível observar os dados sobre a ampla concorrência e ações afirmativas, respectivamente. A partir de certo momento os dados vão se equiparando até que vão se invertendo. Porém, a partir do segundo semestre de 2019, há uma reversão. Em 2019 o ingresso por ações afirmativas caiu para 40%, sendo que em anos anteriores estava em patamares maiores do que 50%. O motivo, como será detalhado mais adiante, seriam os cortes na verba para educação.

A pesquisa mostra também o grande o percentual de alunos ingressantes de outros estados e municípios. Em 2017, o percentual foi de 70% dos alunos e dentre os ingressantes de 2018, segundo a servidora, havia 65.4% de alunos de fora de Campos, a maior parte de municípios do estado do Rio, mas também de São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais.

Outros eram, ainda, de regiões mais distantes, como o Nordeste. Já com relação especificamente aos alunos de Ciências Sociais, em 2018, quase 52% de alunos eram de Campos e 48% eram de fora da cidade. Já neste ano, 32,5% de alunos de Ciências Sociais são de Campos, contra 67,5% que não são. Então, há uma turma de primeiro período em que quase 70% dos alunos vêm de fora do município. Como a UFF Campos não dispõe, ainda de moradia estudantil nem de restaurante universitário, há um esforço conjunto entre o setor e o movimento estudantil para que não só termine a sede da UFF Campos seja concluída como também para que seja fornecida infraestrutura para o melhor atendimento aos alunos, como afirmou Cassiana. De acordo com palestrante, em 2011 eram 164 bolsistas auxílio do PNAES (Plano Nacional de Assistência Estudantil) e em 2018, já eram 789 alunos bolsistas, em todos os cursos.

Já falando exclusivamente das Ciências Sociais, segundo Cassiana, em relação ao sexo, o curso é majoritariamente feminino. Em 2018.2, foram 71% de mulheres e quase 29% de homens ingressantes no curso de Ciências Sociais. Em 2019.2, foram 80% de mulheres e 20% de homens. Em relação à faixa etária, há uma prevalência do público jovem, conforme o gráfico 9.

**Gráfico 9** – Faixa etárias dos alunos de Ciências Sociais da UFF Campos

	Resposta	Contagem	Percentagem
2018.2	16- 19 anos	24	46,15%
	20-24 anos	20	38,46%
	25- 39 anos	7	13,46%
	40- 59 anos	1	1,92%

	Resposta	Contagem	Percentagem
2019.2	16- 19 anos	25	62,50%
	20-24 anos	11	27,50%
	25- 39 anos	3	7,50%
	40- 59 anos	1	2,50%

**Fonte:** Pesquisa Perfil do Ingressante UFF Campos, CAES/ESR/UFF, 2019.

O gráfico 10, por sua vez, mostra o número de ingressantes por raça e etnia, agora especificamente para o curso de Ciências Sociais. Vemos ali que há prevalência de negros e pardos, em que pese o fato de que em 2019 tenha diminuído as matrículas por ação afirmativa.

**Gráfico 10** – Ingressantes no curso de Ciências Sociais segundo raça e etnia

	Resposta	Contagem	Percentagem
2018.2	Negro/Pardo	30	57,69%
	Branco	22	42,31%

	Resposta	Contagem	Percentagem
2019.2	Negro/Pardo	24	60,00%
	Branco	16	40,00%

**Fonte:** Pesquisa Perfil do Ingressante UFF Campos, CAES/ESR/UFF, 2019.

É possível observar que em 2018.2 há 52 alunos ingressantes no total: são 30 negros e 22 brancos. Em 2019.2, o número total de alunos ingressantes diminuiu para 40. O gráfico 11 traz novamente a questão da reversão citada no gráfico 8, sobre a forma de ingresso na UFF.

**Gráfico 11** – Forma de Ingresso no curso de Ciências Sociais da UFF Campos

	Resposta	Contagem	Porcentagem
2018.2	SISU - Ampla Concorrência	20	38,46%
	SISU - Sistema de Cotas	32	61,54%
2019.2	SISU - Ampla Concorrência	23	57,50%
	SISU - Sistema de Cotas	17	42,50%

**Fonte:** Pesquisa Perfil do Ingressante UFF Campos, CAES/ESR/UFF, 2019.

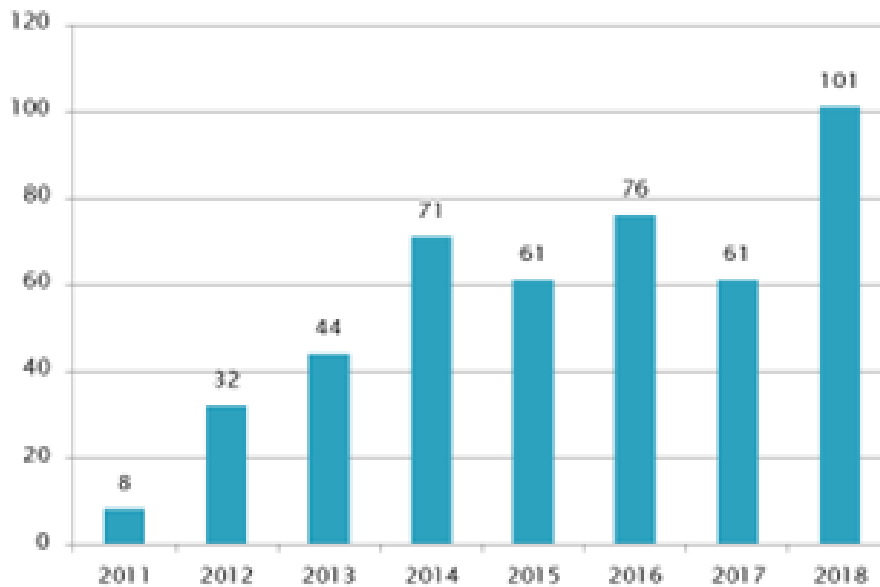
Vemos acima que, em 2018.2, 20 alunos do curso de Ciências Sociais optaram por ampla concorrência e 32 entraram por cotas. Em 2019.2, 23 alunos entraram por ampla concorrência e 17 por cotas. Cassiana explicou essa redução de quase 50%:

Essa questão está associada aos cortes para educação. Todos os alunos que ingressam por ação afirmativa têm necessariamente que passar por comissões de avaliações de cotas. Existe a comissão de verificação de renda, existe a comissão de verificação de raça e etnia, existe a comissão de verificação da pessoa com deficiência, a comissão de verificação do diploma de ensino público. Então, são várias modalidades de cotas, e para todas essas modalidades existia uma comissão treinada e que já vinha fazendo isso na universidade desde a implantação das cotas. Como que isso era feito até 2019.1? Essas comissões vinham de Niterói para Campos já formadas e elas atendiam aos alunos aqui. Essas comissões avaliavam e aqui mesmo eles faziam a matrícula. Nós, do Serviço Social, participávamos das análises socioeconômicas com a complementação de uma equipe que vinha de Niterói. E aí, o que aconteceu? Em 2019.2 não teve verba para essas comissões virem de Niterói para Campos, não teve verba para pagar diária, não teve motorista, não teve combustível para o carro. Assim, obrigaram os alunos do interior irem até Niterói fazer a avaliação para cotas. Nós sabíamos que os alunos de Ciências Sociais, de Serviço Social e principalmente os alunos que optaram pela cota de renda não iam conseguir chegar em Niterói. Porque se o aluno optou por uma cota de renda, como é que pode arcar com uma despesa de quase 300 reais de passagem para ir lá para Niterói fazer a matrícula? Então, nós vemos esse gráfico mudando agora e isso nos causa muito temor realmente, em relação ao que vai acontecer nos próximos semestres. Eu quero deixar isso registrado aqui nesse espaço porque eu acho que é uma forma da gente protestar. Se nós ficarmos na esperança de uma resolução de Niterói nada vai acontecer, se não fizermos como o professor José Luis Vianna, [...] pegarmos o ônibus e levamos os cotistas todos para fazerem matrícula, a gente não vai conseguir e esses dados vão piorar mais ainda. Se não fizermos nada, daqui a pouco teremos novamente uma universidade elitizada, em que os alunos entram somente pelas vagas de ampla concorrência. Isso é muito triste de ser ver, mas ao mesmo tempo instigante, eu espero que seja, para que a gente lute, para que a gente possa mudar essa realidade novamente.



Por fim, o gráfico 12 mostra o total de bolsistas do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), por ano, no curso de Ciências Sociais.

**Gráfico 12** – bolsista PNAES no curso de Ciências Sociais da UFF Campos (2011-2018)



**Fonte:** Pesquisa Perfil do Ingressante UFF Campos, CAES/ESR/UFF, 2019.

Como podemos observar, o número de bolsistas aumentou consideravelmente desde 2011, mas naquele ano havia menos alunos. O curso começou em 2009, quando havia apenas seis turmas. Em 2018, tivemos 101 bolsistas PNAES, mas há também devemos lembrar que ainda há as bolsas de iniciação científica e as bolsas de extensão, que não são computadas pelo setor de Assistência Estudantil.

Todos os profissionais formados pelo Curso de Ciências Sociais deixaram na Biblioteca desse Instituto um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Esses TCCs representam uma parte da produção científica do país e todos nós devemos nos orgulhar disso.

É importante dizer que boa parte desses TCCs tiveram como objetivo pesquisar os fenômenos e a realidade social do município de Campos dos Goytacazes e da Região Norte e Noroeste Fluminense, o que sem dúvida é um dado que deve ser divulgado para mostrar a importância da interiorização das Universidades públicas. É importante dizer também que esses trabalhos não foram produções individuais, mas processos construídos coletivamente, pois cada um deles se desenvolveu em constante interação com outros discentes, com os técnicos administrativos desse Instituto e com os projetos de pesquisas coordenados pelos docentes do Departamento de Ciências Sociais.

A análise desses TCCs vem sendo feita em duas frentes: 1) pelo projeto de extensão intitulado “Divulgação da Memória Científica do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional”<sup>10</sup>, que é coordenado pela Profa. Dra. Elis Miranda e pelo técnico administrativo Thulio Dias Gomes<sup>11</sup>, bibliotecário responsável pela biblioteca da UFF Campos, e 2) pelo projeto de pesquisa de doutorado que o próprio Thulio realizou no programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Escola de Comunicação e Artes da USP e que tem biblioteca da UFF Campos como objeto. Em sua palestra na conferência de abertura da X Semana de Ciências Sociais, Thulio apresentou os primeiros resultados desse importante trabalho:

Como bibliotecário eu tinha a preocupação em explicar o que é que eu posso fazer dentro da biblioteca em prol da UFF Campos. Foi neste sentido que eu comecei a manejar um referencial teórico baseado na Ciência da Informação e na História da Ciência para explicar o que é o documento para a Ciência. O desenvolvimento da Ciência, a institucionalização da Ciência, acontece quando os cientistas começam a documentar os seus próprios experimentos. Isso começou a acontecer para provar as coisas, para criar a memória da produção científica, para reivindicar autoria. Enfim, foi um processo que acompanhou o desenvolvimento do conhecimento científico.

A partir de um conceito da linguística, chamado comunidade discursiva, é possível entender que a UFF Campos uma comunidade de discurso, haja vista que esta instituição tem características discursivas próprias, seus próprios temas, suas próprias variáveis, suas próprias temáticas.

O procedimento metodológico que utilizo nesses projetos [para conhecer a produção científica a biblioteca da UFF Campos armazena] consiste em uma análise exploratória dos documentos da UFF, dos documentos científicos e acadêmicos. Então, [...] resolvi fazer um recorte especial sobre os trabalhos de conclusão de curso da graduação. Nesse sentido, eu compreendo o TCC como um documento que representa a linguagem, o conhecimento e a informação desta comunidade, e [que] também [deve ser pensado] como patrimônio documental da UFF Campos. A partir desta perspectiva sobre o que é um documento, eu faço uso de uma bibliografia que trabalha com a noção de mediação da informação, que envolve todos os atores, os produtores, os organizadores e os usuários da informação. Meu maior

<sup>10</sup> O projeto teve início na disciplina Geo-história, oferecida nos cursos de bacharelado e licenciatura em História e ministrada pela professora Elis Miranda. As atividades incluíam visitas guiadas à biblioteca e orientações sobre o uso de bibliografia e coleta de dados em análise documental. Os alunos foram orientados na utilização do catálogo, documentos e repositórios institucionais e também na preservação e conservação desses documentos. O objetivo era identificar o impacto geo-histórico na UFF Campos, ou seja, identificar sobre quais localidades já foram realizadas pesquisas na região. Para isso, eles recolhiam dados de cada TCC da biblioteca, como área do conhecimento, grau acadêmico do autor, descrição física do documento, título, orientação, resumo, palavras-chave, menção a financiamentos, área geográfica abrangida pelo estudo, instituição analisada, grupos sociais pesquisados, existência ou não de ilustração etc.

<sup>11</sup> O servidor técnico Thulio Dias Gomes é graduado em biblioteconomia e gestão de unidades de informação pela Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em ciência da informação pelo convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e a Escola de Comunicação (ECO), da UFRJ e é doutorando em ciência da informação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é Bibliotecário-documentalista da Biblioteca Universitária de Campos dos Goytacazes (BUCCG) da Superintendência de Documentação (SDC) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

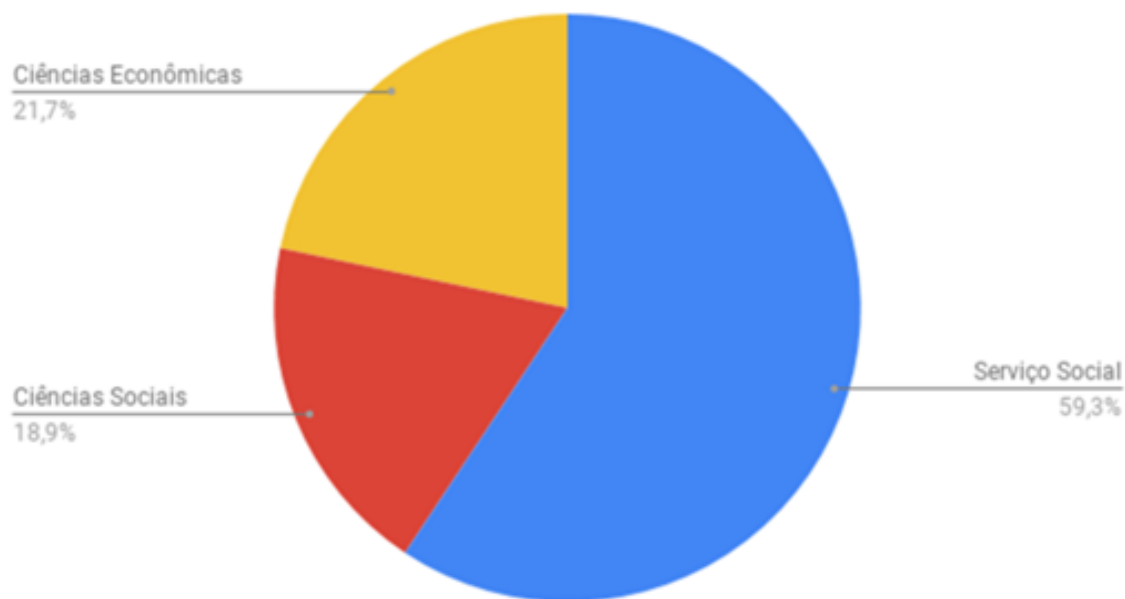
objetivo com essa pesquisa é a divulgação e a formação científica de nossos estudantes.

Thulio explicou que, geralmente, os TCCs não são muito valorizados pela Ciência, pelos acadêmicos, pelos cientistas mais experientes, mas pontuou que ele próprio tem questionado isso a partir de sua observação dos TCCs da Escola de Serviço Social da UFF Campos - mais do que a produção recente dos cursos criados com o REUNI. Apesar de não terem tanto rigor científico, como talvez seja necessário nos canais de divulgação científica de grande circulação, os TCCs do Serviço Social, segundo ele, refletem a primeira atividade da UFF Campos desde 1962, quando essa universidade chegou na cidade. Uma característica peculiar do Serviço Social é o estudo aplicado e, nesse sentido, quase todos os estudos contidos nos TCCs do curso de Serviço Social são aplicados a alguma instituição. Segundo, Thulio,

temos TCCs sobre hospitais, creches, presídios, sindicatos, industriais, escolas, universidades, movimentos sociais e diversas outras instituições de Campos. Portanto, eu não vejo esses TCCs apenas como um canal de comunicação científica, os vejo como um documento, uma fonte histórica de pesquisa.

Para falar dos TCCs da UFF Campos, Thulio fez dois recortes: o primeiro aborda os anos do REUNI de 2009 até 2018 – já que o ano de 2019 ainda não se concluiu –, e o segundo envolve os primeiros anos do curso de Serviço Social - vai de 1972, ano em que foram publicados os primeiros TCCs, até 1991. Mais adiante, o servidor explicou que pretende ampliar a pesquisa até o ano 2000, que guarda maior volume de material. Até o momento já foram analisados 447 TCCs, sendo 73 de Ciências Sociais – segundo Thulio, de 2009 a 2011, há na biblioteca apenas TCCs dos cursos de Ciências Econômicas, Ciências Sociais e Serviço Social. Os cursos de História, Geografia e Psicologia ainda não conseguiram se organizar para depositar seus materiais, mas todo um diálogo tem sido empreendido para que se avance nessa tarefa. Ao todo, oito servidores e 63 estudantes de graduação estão envolvidos no processo geral de levantamento.

O gráfico 13 mostra o percentual de TCCs no repositório institucional da biblioteca da UFF Campos por curso de graduação entre 2009 e 2018. O número certamente será atualizado a partir do depósito de antigos e novos TCCs.

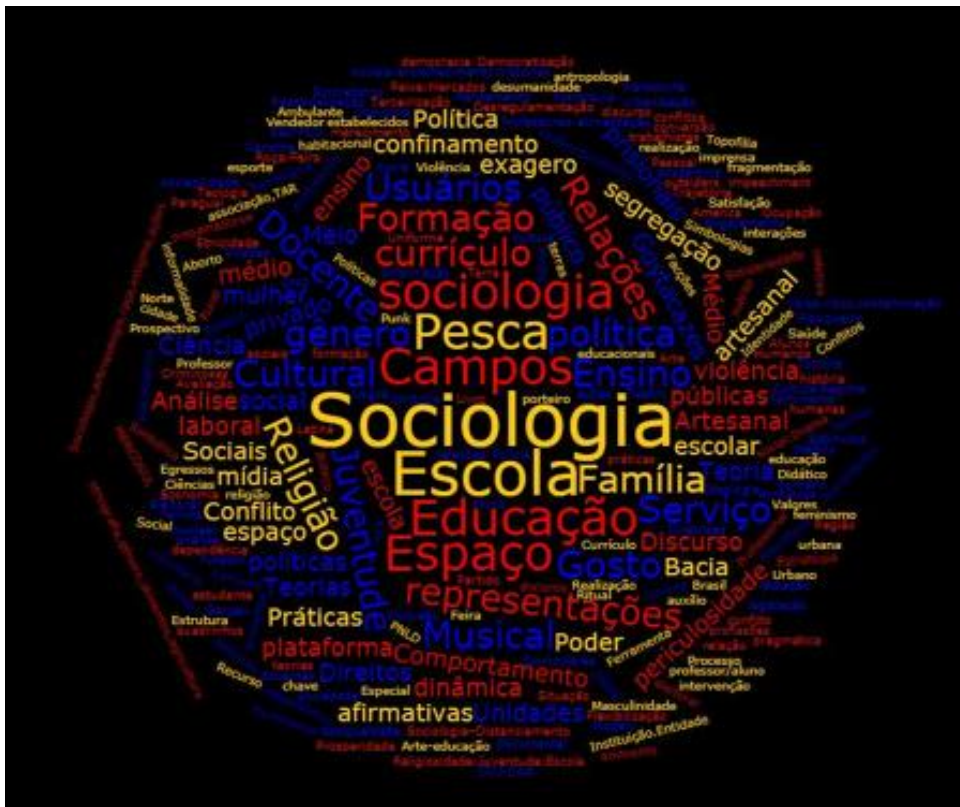
**Gráfico 13** – TCCs por curso de graduação da UFF Campos depositados na biblioteca

**Fonte:** Thulio Dias Gomes, dados atualizados em 24 de setembro de 2019

Em relação ao quantitativo de orientações por professores do Departamento de Ciências Sociais entre os anos de 2009 e 2018, segundo Thulio, os professores que mais orientaram até o momento foi o professor José Colaço, seguido da professora Andrea Paiva, Carlos Eugênio Soares de Lemos, Jussara Freire e Rodrigo Monteiro. A média de orientandos por orientador é de 3,3.

Com base nas palavras-chave dos alunos, o bibliotecário analisou também os principais assuntos dos TCCs em Ciências Sociais da UFF Campos. Como pode ser observado no gráfico 14, as palavras-chave que mais aparecem são: Sociologia, Escola, Pesca, Campos e Educação, com particular destaque para os que abordam Sociologia da Educação.

Gráfico 14 – Temas mais recorrentes nos TCCs de Ciências Sociais (2009-2018)



Fonte: Thulio Dias Gomes, dados atualizados em 24 de setembro de 2019

No que se refere aos recortes espaciais, segundo o palestrante, há muitos TCCs do curso que têm como foco objetos de estudos voltados para Campos dos Goytacazes, São Francisco de Itabapoana, São Joao da Barra e Rio de Janeiro. Outra observação de Thulio é que a escala regional é muito extensa, existem muitas pesquisas sobre os bairros de Campos, sobre as regiões do Estado, sobre a região Norte Fluminense. Mas não existe, por exemplo, segundo ele, um recorte Hemisfério Sul; o recorte América Latina existe, mas é muito pequeno; tampouco existe um recorte Nordeste, assim como outros tipos de recortes referentes a regiões maiores. Portanto, predominam os recortes sobre regiões menores. Por fim, segundo o palestrante,

De uma maneira geral, a pesquisa conseguiu mostrar que, sobretudo no curso de Serviço Social, os TCCs se caracterizam bastante pelos estudos aplicados. Essa é uma informação muito interessante pois os alunos do projeto conseguiram observar que esses TCCs contribuem para ampliar o diálogo entre os agentes internos e externos a universidade. Portanto, eles perceberam que o Serviço Social é um ótimo exemplo de participação da universidade na sociedade externa, sobretudo, na sociedade local. Também pude observar que esse nosso acervo, além de ser um acervo sobre a história da UFF Campos, sobre a história da região, sobre a história das instituições locais, é também um acervo que transmite e reflete muito a formação do pensamento do Serviço Social em Campos dos Goytacazes. [...]

Também observei que esses TCCs representam os reflexos da adesão ao REUNI, principalmente no que diz respeito à preocupação com temáticas sobre as classes sociais excluídas antes da expansão da universidade. Outra questão interessante, que pode ser observada nos TCCs das áreas que estudamos (Serviço Social, Ciências Sociais e Ciências Econômicas), é que a maioria dos estudos fazem recortes contemporâneos. [...]

As nossas próximas ações de pesquisa consistirão na limpeza e no tratamento dos dados, como eu disse, tem muita coisa que a gente precisa organizar. [...] Também pretendemos pensar a possibilidade de organização do conhecimento, dos saberes, dentro do Instituto; investigar e pensar em possibilidades e propostas de integração interdisciplinar. Principalmente porque se trata de um projeto de extensão, é preciso ampliar o diálogo entre a comunidade universitária e a comunidade local aqui na região Norte Fluminense. Estamos pensando em realizar essas ações extensionistas no ano que vem porque o projeto ainda está em fase de pesquisa. Estamos também preparando uma bibliografia como fonte de informação histórica sobre as instituições do Norte Fluminense.

Então, por tudo isso que pudemos registrar, espero que essa Semana de Ciências Sociais possa não só mostrar a história de nossa primeira década, como também servir como um ato de resistência pela Educação no país.